



NAS MISSÕES FRANCISCANAS
BEIRA — Velho Machangane

Braga, 1 de Dezembro de 1928

DIRECTOR E EDITOR

Joaquim Antonio Pereira Villela

Ilustração Catholica

COMPOSTA E IMPRESSA NA TIPOGRAFIA DA PAX -- BRAGA

NUMERO 349 — ANO VII

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «Ilustração Catholica», L.^{da}

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES :

Ano.	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS :

Ano.	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

A'S MÃES

Quereis ver os vossos filhos fortes e robustos?

Dai-lhe durante o inverno a Emulsão «Figueiredo» preparada com oleo puro de figados de bacalhau e hipofosfitos de cal e soda. Recomendada por centenas de médicos como uma das que possui melhores propriedades tónicas e alimentares, tendo um paladar doce e agradável.

Á VENDA NAS PRINCIPAIS FARMACIAS E DROGARIAS

DEPOSITO GERAL:

FARMACIA FIGUEIREDO, L. da

Rua de Cedofeita, 125 — PORTO

Casa das Carmelitas

TELEPHONE 1614

ALMEIDA, GOMES & C. A. L. DA

Completo sortido em artigos de mercearia fina. Especialidade em chá e café
Rua das Carmelitas, 138 — Telefone 1614 — PORTO



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

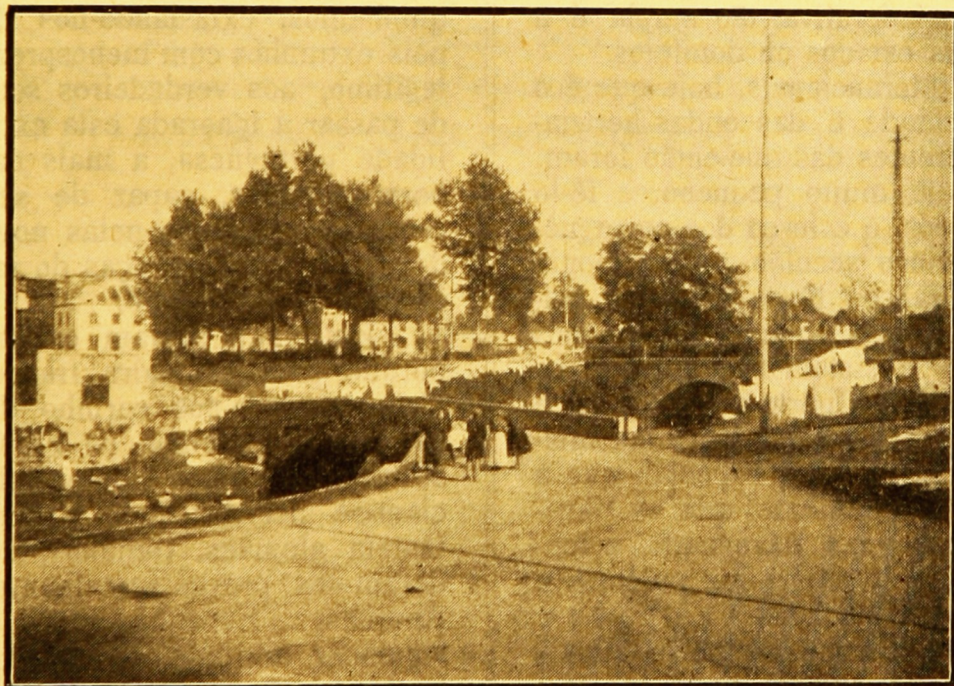
— 88 —

Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º
Propriedade da Empresa «Illustração Catholica».

Braga, 1 de Dezembro de 1928

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VII — N.º 349



BRAGA — Largo de S. João. — Aspecto
das pontes do Rio Éste

Portugal na balança da Europa

SAI a nossa revista quando em Lisboa se fazem festejos em honra de visitantes franceses, e por todo o país, e em Braga particularmente celebra Portugal o termo do dominio castelhano. E' interessante trazer a uma aproximação os dois factos pois que na politica de 1640 influiu muito e muito a attitude da França. E' todavia mera coincidência, que se bem seja certo que nunca Portugal aceitaria a união com a Espanha, faz-se sem odios a comemoração, antes mantendo bonissimas relações com o país visinho, em cuja amizade, por outro lado, pesa pouquissimo ou melhor nada, o grau de relações com os outros países.

Ao estado francês, rival do espanhol, muito convinha em 1640 a independencia de Portugal; também ela convinha à Inglaterra, de quem foi inimigo terrível o poder espanhol. Hoje não é nessas razões de conveniencia que se baseia o equilibrio da nossa situação externa. Somos um país respeitado por si mesmo, mantemos ainda e manteremos o terceiro imperio colonial, e até diziamos o segundo que o inglês, sendo territorialmente mais extenso, foge da classificação de colonial para a de confederativa, tão ampla é a autonomia de seus estados ou domínios.

As relações internacionais, hoje que é o seculo da electricidade e das ondas hertzianas, são bem diferentes das que então foram. O mundo tornou-se muito pequeno, e fê-lo pequeno sobre todos, o esforço dos portuguezes que tem, ha cinco seculos, a hegemonia do progresso geografico. Portugal foi a primeira nação civilizada que devassou nos tempos historicos, e sistematizadamente, os mares, levando a toda a parte a luz da fé e os esplendores da civilização. Era uma missão grandiosa, uma vocação especial, que a raça seguia inconscientemente, que os navegadores, arrojados, mas navegando scientificamente, serviam também ao procurar a seu modo o interesse nacional.

Esta vocação especial de povo talhado para cabouqueiro de cultura, povo que tem espalhado por toda a terra e ainda hoje espalha traços indeleveis da sua passagem, é a razão fundamental da nossa independencia. Diferencia-nos, caracteriza-nos e torna-nos grandes. O mundo, a pezar da nossa pequenez continental, a pezar da nossa pobreza relativa, tem um respeito instinctivo por um Estado que sendo pequenino foi capaz de encher o mundo e imprimir-lhe orientação. E ainda hoje, nós opulentamos com o nosso esforço a civilização brasileira, fundindo ainda

como ha quatro seculos o nosso sangue ao seu; vamos criando a pouco e pouco, uma imponderavel mas continua transfusão de sangue luso, um novo Portugal, o Portugal africano: mantemos no meio da India comunidades caracteristicamente hindo-lusas; mantemos, sem que a possam absorver os esplendores da norte-america, intensa população portuguesa, no territorio da grande Republica dos Estados Unidos. E' tão pujante o espirito portuguez, que Macau, nunca perdeu o arrebatamento nacional da sua primeira fundação, e no Japão se descobriram, ao reabrir-se depois de tres seculos, os seus portos, descendentes de nippo-lusitanos que não haviam nem com tão longo isolamento, perdido vislumbres da nossa civilização quinhentista.

Se não tivéssemos malbaratado tanto tempo em luctas esteris de internas dissensões, e podessemos dar mais vigor organizado a uma acção que desempenhamos inconscientemente, ainda maior seria o nosso predomínio internacional. Mas se a vida portuguesa passa despercebida na opinião superficial dos jornais diarios, e até nós nos amesquinhamos, extasiando-nos deante de europeis extranhos com menosprezo do nosso oiro legitimo, aos verdadeiros sociologos não pode passar á ignorada esta extraordinaria vitalidade portuguesa, a mais caracteristica das personalidades, capaz de se aliar, robustecendo-as e criando nelas novas personalidades, com todas as raças do mundo, pioneiros eternos da civilização.

Entretanto salvam os fortes portuguezes porque uma esquadra francesa demandou o Tejo, trazendo-nos carinho de uma civilização que defendemos na Flandres; assinam-se tratados com a União Sul africana, negociam-se acordos com a republica cubana. Ontem alemães, italianos, de outros povos, deram-nos provas semelhantes de simpatia. Amanhã, a Espanha, virá ao Tejo também significar amizade ao vetusto Portugal. Nós festejamos hoje a Independencia, que um dia Castela, com má politica, nos quis arrebatat. Então, não o consentimos, como aos franceses o não toleramos, como a nenhum povo o tolerariamos. Vai longe o dia da Restauração, mas nem o dobrar dos anos por mais repetido, lhe diminuirá o significado; amizade cultivamo-la com todos os países: sujeição não a consentiríamos a nenhum. Nem sequer a Espanha e é nossa irmã de sangue; nem sequer a Espanha e tantas vezes se tem confundido o seu e o nosso interesse.

OS PEREGRINOS

*Em agitadas ondas cresce e avança
a multidão subindo pelos flancos ;
— um preamar tranquilo de bonança,
— um febril acenar de lenços brancos.*

*O coração do povo é lyra ardente
em que a piedade e a fé vibrando unidas
nos deixam na alma impressa vivamente
a delícia das notas mais sentidas.*

*A piedade ! — o allivio e o conforto
que os Anjos trazem da mansão etherea
à profunda aridez de cada horto
para enxugar os prantos da miseria.*

*A fé ! o doce orvalho que o Céu lança
no coração que é orphão de carinhos ;
o sorriso de luz e de esperança
acalentando as flores entre espinhos.*

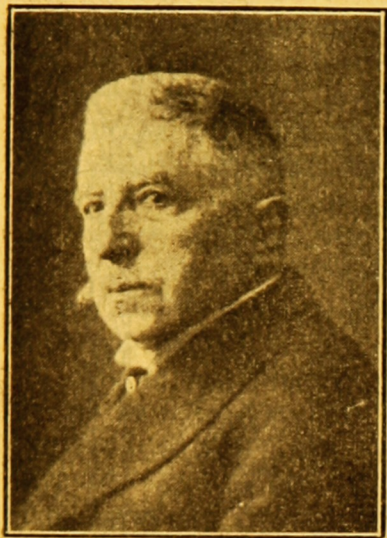
*A piedade e a fé — sublime engaste
de luz e amor em expansão vibrante :
— belas, mimosas flores duma só haste,
— a alma enternecida, crente e amante.*

*Cobrando as moitas floridas, espessas,
brandamente se agita murmurante
um phantastico oceano de cabeça
no monte esmeraldino circunstante.*

*Do olhar da multidão prostrada agora
aos pés da Virgem com tanto fervor,
deslisam prantos : — a alegria chora...
delira o coração... sorri a dor...*

P.º SILVA GONÇALVES.

A EXPOSIÇÃO DE QUADROS DE JOSÉ DE BRITO NO SALÃO SILVA PORTO



O ilustre pintor José de Brito

rabens aos proprietários deste Salão por terem tido a ventura de ser um mestre, e dos que marcam, o iniciador da jornada de exposições a realizar ali de aqui para o futuro.

Como sempre, soldado fiél e cumpridor do reduzido batalhão dos escrevinhadores de críticas de Arte, lá me apresentei à chamada, para fazer a respeitosa continencia ao Mestre, e poder depois, sincera e lealmente, dizer o que penso dos trabalhos expostos, e, que é, o que vou fazer neste pequeno e desprezencioso artigo.

*

José de Brito, que a crítica verdadeira tem devidamente apreciado e discutido não precisa das minhas palavras para que todos o considerem como

A BRIU a estação de inverno, da Arte pintorial, no Salão Silva Porto, com a exposição de quadros do ilustre pintor e insigne professor da nossa Escola de Belas Artes, José de Brito. E, é para dar os pa-

um pintor de folgo e de saber, porque todos quantos tem visto a sua larga e vasta obra, bem sabem que ele de facto é um grande artista. Mas, um punhado mais de argamassa crítica, para lhe consolidar a sua reputação artística, não lhe faz mal.

Neste certamente apresenta-se ele com 42 trabalhos (oleo, pastel, aguarela e carvão). Dizer que todos esses trabalhos são o supra suma da perfeição e da correcção, seria faltar à verdade, mas, afirmar que em toda a sua obra exposta agora ha sinceridade e na maior parte tecnica segura e desenho correcto isso é uma afirmação que não tem discussão.

José de Brito é um mestre, e como tal assim se nos apresenta com a consciencia do que faz e como o faz.

*



A PROCISSÃO — Quadro de José de Brito

Eu não venho criticar, quadro a quadro os seus trabalhos expostos, venho simplesmente anotar aqueles que mais fundamente me impressionaram.

Todos quantos teem visitado a exposição, críticos e simples amadores, falam no seu grande quadro — A Procissão —, e eu que sou pequeno em génio e em talento, quedei-me embebecidamente em adorável contemplação diante do — Pateira de Fermentelos — que é um retalho de paisagem de um sitio ali para baixo, para os lados de Agueda.

Este quadrinho, pela luz que tem, pelo seu colorido doce e preciso e pelo ambiente de uma extraordinária longitude, deixou-me estasiado, enquanto que o — A Procissão —, esse subjugou-me pela imponencia, magestade e intuição de que está cheio.

Nesse quadro todas as figuras se movem cadenciadamente ao som da banda que intoa, como é vulgar nas procissões uma marcha adequada ao acto.

O pálio oscila e bamboleia, cobrindo a Santa Custodia, que o abade leva respeitosa e suspensamente nos varais doirados que possantes e crentes lavradores seguram com denodo e fervorosa crença.

As mulheres, lindas aldeãs e fervorosas velhas, ajoelham e oram, e os anjos seguem entre filas de irmãos de confrarias com graça e ingenuidade.

Penitentes arrastam-se de joelhos a acompanhar a procissão que seguem cumprindo as promessas feitas em momentos dolorosos e difíceis da sua vida.

Nós se fixarmos detidamente aquela grande tela, temos a nítida impressão do que vos digo acima, e se como eu, formos crentes, instintivamente dos labios nos sai uma prece ao Sacramento, porque todo aquele conjunto nos impressiona e nos toca.

As figuras desenhadas com saber e propriedade, são verdadeiramente figuras que se mechem, que andam, que falam, tendo nos rostos expressões de verdade.

E' inegavelmente o seu melhor

trabalho? E'. Eu porem não pude fugir à impressão que me fez o — A Pateira de Fermentelos.

*

José de Brito tem para os quadros de grandes dimensões e de assuntos de largo folgo, uma especial disposição. Conhecemos-lhe muitos e muito bons.

O seu Mártir do Fanatismo, a Procissão dos Milagres, o 5 de Outubro, são provas provadas do que afirmo; o que não quer dizer que ele não seja tambem um grande artista quando pincela apenas pequenos retalhos da natureza ou cabeças de velhos e de novos.

Dos Oleos em paisagem — A Primavera — Foz do Lima — Pôr do Sol (Angeja) — Azenhas de Negrelos, são na verdade muito bons.

A Cabeça de expressão é bem uma expressiva cabeça de rapariga fresca e linda, assim como o Extase, uma rapariguinha um pouco mística vendo para além do mundo físico.

Nas aguarelas notarei pela transparencia da agua e pelo interessante dos verdes e do terreno os — Rio Ave (arredores de Santo Tirso) — Rio Ave (Santo Tirso) bem como a casa rústica (Rio Tinto) e Outiz (Vila Nova de Famalicão.)

José de Brito pasteliza e aguarela com uma inegável correção, e quando trabalha a carvão, como no retrato de João Grave, afirma e confirma que o lapis ou o carvão na sua mão não andam à procura dos lugares onde hão-de riscar... riscam e deslizam com a segurança de quem sabe o que faz com os olhos fechados, muito melhor do que muitos outros com os olhos abertos e bem abertos.

O seu traço em desenho é decisivo e certo como o de quem sabe, e...

E dito isto, que não é nada, tenho dito tudo. O Mestre pintor José de Brito que me perdoe a sinceridade com que o faço.

Porto, 10 de Outubro de 1928.

ANTÓNIO DE LEMOS (ALVARO).

DOIS OCASOS...

ERA ao por do sol, tarde amena de lindo crepúsculo.

No jardim público duma cidade do Minho passeiava uma Senhora, ainda nova, rosto emagrecido, tez bastante pálida, tipo de tuberculosa.

Passeiava só; certamente era de alguma casa vizinha.

terno — Adeus — ao Astro-rei, antes de irem recolher-se aos seus abrigados ninhos.

Para lá se encaminhou a triste solitária, invejando talvez as meigas avésinhas que no dôce abrigo do seus fôfos ninhos iam repousar tranquilas, esperando o raiar suave da aurora para logo recommencarem a chilrear — e as matisadas flores que aos raios vivificantes do sol nascente abririam de novo as perfumadas corólas que as sombras crepusculares faziam agora cerrar...

E só ela... a pobre... no ocaso tambem duma existencia que prematuramente se extinguia... magoada pela dureza cruel com que ousavam ainda agravar-lhe o sofrimento,



MOCUMBI — Missões Franciscanas — O Régulo com a sua corte

Três operários, de mau aspecto e semi-embragados, passando tambem pelo jardim, fitaram alvarmente a pobre senhora e dirigiram-lhe qualquer inconveniencia.

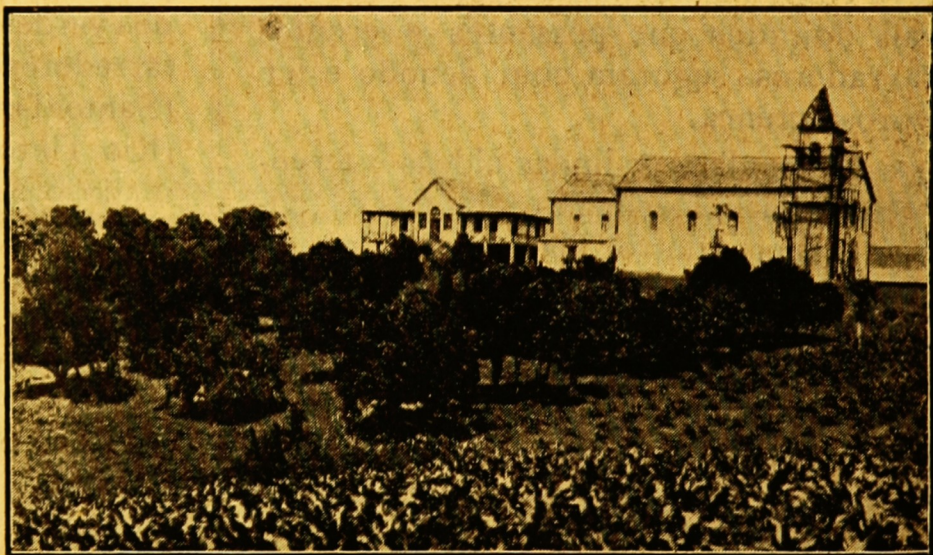
A doente, visivelmente assustada e tristemente impressionada pela brutal deshumanidade com que, assim, era agravado o seu infortunio, olhou em volta buscando um refugio.

— Num banco, ali perto, um Sacerdote ainda novo, de aspecto grave e sereno, contemplava comovido o esplendido pôr do sol, e admirava as mimosas flores que dele se despediam exalando os mais suaves aromas das suas pétalas setinosas, escutando recolhidamente os alegres passarinhos que com os gorgeios mais variados e melodiosos pareciam dirigir um

insultando-a, ... não via a esperanza de uma aurora feliz a sorrir-lhe venturas... após as dolorosas sombras da noite da sua existencia que pavorosamente se lhe aproximavam...

Como quem busca um último amparo, dirigiu-se para o banco aonde se encontrava o Sacerdote; e era tempo.

A pobre Senhora, completamente



AMATONGAS — Missões Franciscanas — Vista da Missão

extenuada, teve um tal acêso de tosse que parecia prêtes a exalar o último suspiro.

Silenciosamente, mas com o olhar profundo e calmo repassado da mais caridosa compaixão, o digno sacerdote acompanhou a infeliz na sua dolorosa crise.

Enquanto não tinha ensejo de falar, a sua alma fervorosa e pura elevava-se ao Céu numa prece comovida pela salvação eterna daquela que via prêtes a deixar a terra, e para que a Virgem, doce Rainha dos Mártires, no Seu Coração amantíssimo acolhesse e confortasse aquêlo pobre coração que tanto devia sofrer também.

Quando a tosse aliviou, a doente, vacilante ainda, ergueu-se e seguiu o caminho de sua casa não longe dali; e o virtuoso Ministro de Cristo, sublime na sua doce caridade, levantou-se também e, para a resguardar de novos insultos, acompanhou-a até perto da sua habitação, procurando ao mesmo tempo, iluminar-lhe e fortalecer-lhe a alma com as luzes e verdades sobrenaturais da nossa Fé cristã, falando-lhe do amor e misericórdia de Deus com tão piedosa unção que a pobre doente, intimamente abaláda e suavemente comovida lhe pediu para, no dia seguinte, a esperar na igreja mais próxima, a fim de a absolver dos seus pecados e administrar-lhe a Santa Comunhão talvez pela vez derradeira, que ela queria receber como Viático Sagrado e penhor seguro da eterna Bemaventurança.

* * *

Ao reentrar no seu modesto aposento, a doente levava os olhos cheios de lágrimas...

Recordava as palavras de vida eterna que tinha ouvido e o espiritual conforto que falando-lhe de Deus e da Virgem Santíssima com tão eloquente piedade, lhe fizera docemente sentir o exemplar e humilde sacerdote, para ela desconhecido, que só a Providencia divina lhe havia deparado!

Agora, iluminada pela Fé que essa bendita Caridade lhe despertara na alma, a bôa Senhora já não invejava os passarinhos que iriam saudar, cantando, os primeiros alvôres da aurora, nem as flores mimosas cujas matisadas corólas os raios vivificantes do sol nascente reabririam de novo... porque também a mais firme e suave Esperança lhe dizia que uma infinda aurora de ventura e de luz, raiaria para ela após as tristes sombras dos sofrimentos da vida e que no Céu escutaria eternamente os suavíssimos cânticos celestiais que «os ouvidos humanos jámais ouviram» — entoados sem interrupção, em honra do Senhor dos Senhores!

E' por isso que agora as suas lagrimas são lagrimas de comoção que no ocaso da vida lhe confortam a alma como o cristalino orvalho da noite avigóra e refresca as mimosas pétalas das flores queimadas pelo sol.

MARIA DA CONCEIÇÃO FONTES.

DE MACAU A SHIU-HING

.....

Shiu Hing, 8 de Agosto de 1928.

NÃO sei se reconheceria a Canhoneira Macau. Está linda... Saiu ha poucos dias das docas de Hong-Kong, reparada e pintada de novo.

Ante ondem embarcámos nela, por uma gentileza expontânea de S. Ex.^a o Snr. Governador.

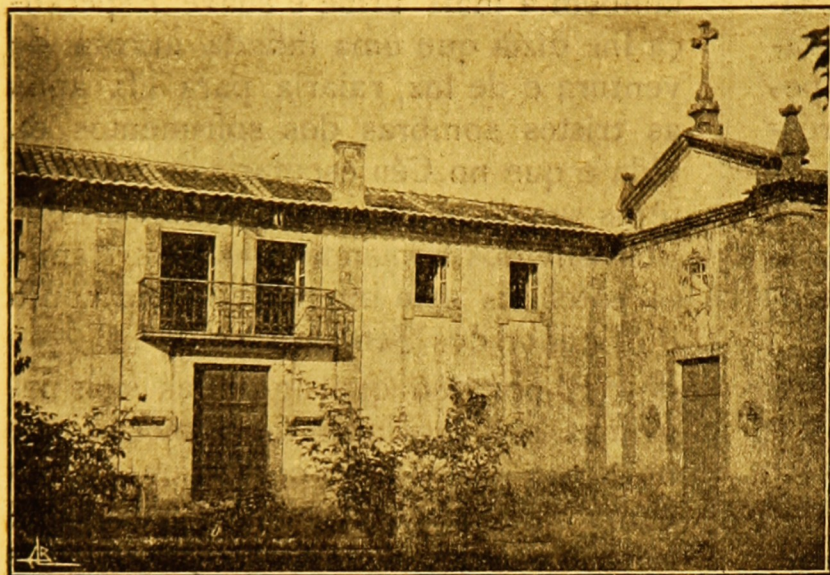
Quere saber como? Ora oiça...

No dia 31 de Julho ocorria o 25.^o aniversário da Primeira Missa do Snr. Bispo. Apesar-de ser o dia que era, duas vezes festivo para mim, resolvi em companhia do P. Netto, ir a Macau para tomar parte na festa de S. Ex.^a Rev.^a, que era também minha. Ha 25 anos dirigia eu o Seminario de S. José. Foi talvez, por isso que fui convidado então para servir de Padrinho ao altar do Neo-Sacerdote, na Igreja de Santo Agostinho. A Igreja do Seminario andava, nessa ocasião, em obras que se concluíram poucos meses depois.

Era isto também para mim um outro jubileu de saudosas lembranças.

Macau, que em 1903 assistiu em pêso á primeira Missa do simpático Secretário do bondoso Bispo de então, D. João Paulino, aglomerava-se agora naquela mesma Igreja, para celebrar as bôdas de Prata da sua ordenação, venerando nêle ao presente o seu amado Bispo e Pai.

Comungaram em grande número os fieis que enchiam literalmente o vetusto templo.



NO MINHO — ROSSAS — Casa da Torre com sua capela. Pertence ao snr. dr. Antonio Joaquim da Silva Peixoto de Magalhães. Residência habitual

Enterneceu a todos o facto de quatro dos nossos marinheiros africanos se apresentarem pela primeira vez á mesa da Comunhão. Teve a felicíssima ideia de os preparar com a abnegação, que se deixa ver, o Rev.^{mo} Snr. Cónego Clímaco.

Durante a Missa, que foi rezada, houve cânticos piedosos e muito bem desempenhados.

Por um requinte de amabilidade do Snr. D. José fui chamado para lhe assistir ao altar, como ha 25 anos... Quantas recordações!... Ao meio dia reuniu-se todo o clero no Seminário, em fraternal convivio. Brindou a sua Ex.^a Rev.^a, em nome de todos, o Rev. P. Bragança, Reitor do Seminário. Respondeu o Snr. Bispo visivelmente comovido.

De tarde, ás 5 horas, após o solene *Te Deum* e uma affectuosa saudação de S. Ex.^a Rev.^{ma} a todo o povo de Macau e da sua Diocese na Sé Catedral; dirigiu se o clero, funcionários e povo para o Palácio. Falou, em nome de todos com palavras primorosas o Snr. Secretário Geral do Governo.

O Snr. Bispo, na resposta breve, em que agradeceu a mensagem, de novo nos comoveu a todos com a sua linguagem repassada de unição.

Terminada a festa do dia 31, prepará-vamo-nos o P. Netto e eu para voltar a Shiu-Hing, quando fomos convidados pelo Snr. Governador para irmos tiffinar com S. Ex.^a.

A esta gentileza do alto não podíamos deixar de aceder. Fômos.

A certa altura da conversa pergunta S. Ex.^a: — Então, quando voltam para a Missão? — Amanhã mesmo, querendo Deus, Snr. Governador.

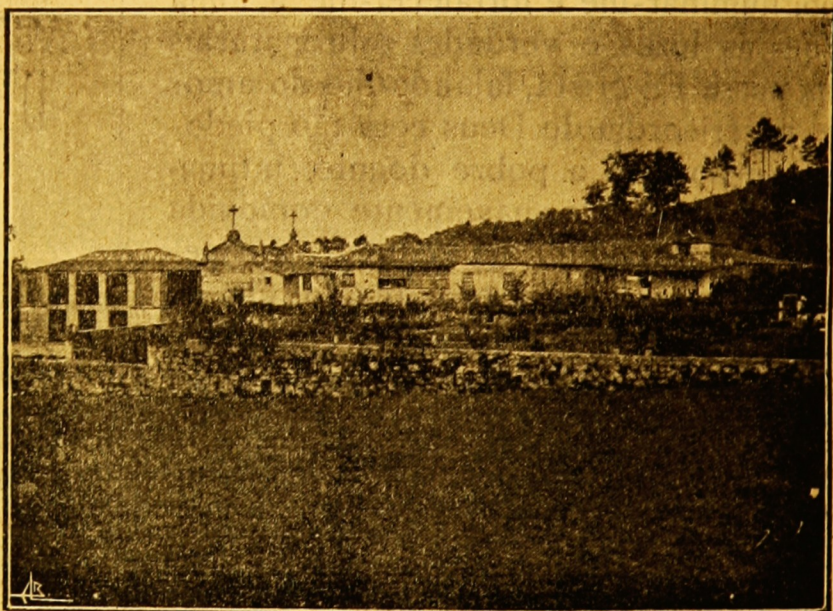
— E como vão?

— De *Tou* até Shek-Ki e Siu-Lam e de lá até Cantão. Depois temos ainda duas horas de caminho de ferro e bôas quatro horas de lancha.

— Ora, isso é muito incómodo, repôs S. Ex.^a — Eu dou-lhes uma lancha que os leve até Shek-Ki.

Assim ficou combinado. Mas no dia seguinte chamou-me de novo o Snr. Governador pelo telefone para me dizer que, em lugar da lancha, ia mandar a canhoneira *Macau*.

Agradei o generoso oferecimento a S. Ex.^a que tem sido sempre de uma amabilidade a toda a prova para com os Missionarios de Shiu-Hing.



NO MINHO — ROSSAS — Outro aspecto da Casa da Torre. Parte que deita para os campos

Tivemos porém, que esperar até ao dia 6, e foi providência de Deus; porque assim pudemos trazer muitas coisas necessárias na Missão, que só desta maneira podemos ter sem pagar os exorbitantes direitos aduaneiros nas alfândegas de Sam-Shui.

Saimos, pois, no dia 6, indo jantar com o P. Henriques e P. Lucas em Shek-Ki. Acompanhava-nos o Rev. P. Bragança, Reitor do Seminário.

A viagem correu sem incidentes, a não

ser em Shek-Ki, onde, por causa do aperto do canal e das muitas embarcações que o entopem, a canhoneira correu perigo de encalhar, o que se evitou graças á mestria do Snr. Comandante e seus experimentados Marinheiros. (1)

Chegamos aqui a Shiu-Hing ás 3 da tarde de ontem. Hoje fez-nos a honra de tinar e jantar conosco o Snr. Comandante da *Macau*, Joaquim Alves da Fonseca, nosso particular amigo e admirador das Missões do Padroado.

O dia passámo-lo aqui no *Tai-Tei* (campo) o qual já não é coisa nova para o Snr. Comandante, que, com esta, é já a sexta vez que nos vem prestar serviços á Missão de Shiu-Hing.

*

Novo para S. Ex.^a e também para mim é o rico monumento de mármore encimado pela formosíssima e devota imagem de N. Senhora de Lourdes, que se eleva em meio do nosso jardim. Acabou-se de erigir no dia 31 do mês de Julho.

O desenho é obra do Irmão Coadjutor António de Castro. Foi executado em Itália e é de mármore de Carrara. Mede 3 metros, e com os degraus de granito e a estátua da Senhora perfaz cerca de cinco metros de altura.

No fuste da coluna lêem-se insculpidas nas quatro faces estes dizeres :

VIRGO. SINE. LABE
CREDITAM. TIBI
ECCLESIAM
SHIU-HINGENSEM
BONA. MATER
SOSPITA. FOVE. ADAUGE
J. H. S.
SODALES
PROV. LUS. S. J.
MISSIONI. ADDICTI
A. D. MCMXXVIII
EX. VOTO. FECER

(1) O P. Lucas descreve-me numa carta aquele transe sobremaneira dificultoso, já pelo grande número de embarcações que impediam a livre acção da manobra já pela força da corrente ocasionada pela maré montante.

«Desde a praia, escreve, assistiamos impressionados, eu e o P. Henrique, áquele dificultoso caso em que o sangue frio e a presença de espirito do Snr. Comandante Joaquim Alves da Fonseca me fez vir á memória aquele verso do celebre autor da *Eneida* :

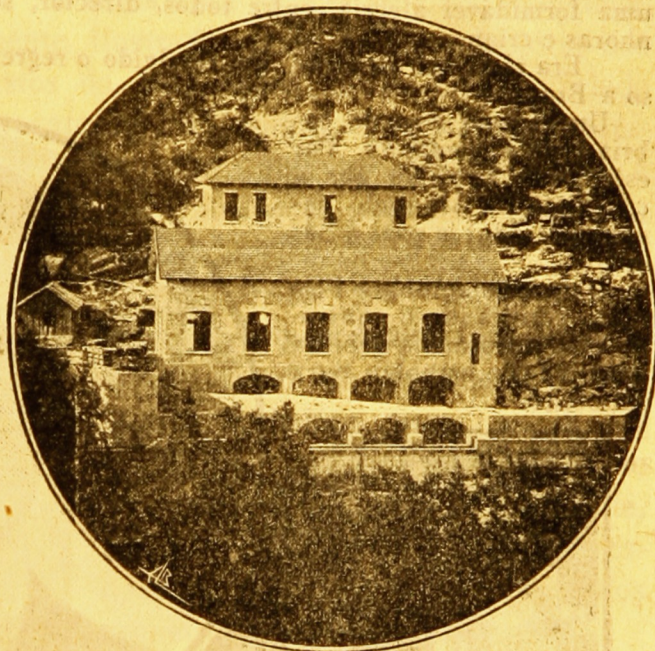
«Spem vultu simulat, premit altum corde dolorem».

Vai-lhe no interior grande aflicção, mas no rosto serenidade. — N. do R.

«Virgem Imaculada, como boa Mãe, conserva, protege e aumenta a Igreja de Shiu-Hing, que te foi confiada». (Segue-se o Nome de JESUS) :

«Os Religiosos da Provincia lusitana da Companhia de Jesus adictos á Missão, em cumprimento de uma promessa, erigiram este monumento no ano de 1928».

Se antes era recreio e passa-tempo, nas horas vagas, passear nas aleias do mimoso jardim do *Tai-Tei*, sempre aromatizadas pelas flores próprias de cada estação, agora é prazer e alívio do espirito, depois de rezar por alguns instantes deante da arrebatadora Imagem, ir sentar-se á sombra da frondosa arvore quatro vezes secular, que lhe fica fronteira, e de lá alongar os olhos para aquela mais que humana, quasi divina beleza da Virgem Imaculada.



VIEIRA DO MINHO — Casa das maquinas da Companhia Electro-Hidraulica

Até os mesmos gentios, instintivamente se prostram ante a encantadora Imagem.

— «Aquele formosa Senhora que ali vêdes — dizia uma mãe aos seus 3 filhinhos que conduzia pela mão — é a Senhora do Céu. Que vos parece? É bela, não é?...

E os pequerruchos, sem mais, arrancando-se-lhe do lado, correram para junto do pedestal do monumento. Fôram fazer, a seu modo, prostrações á grande Mãe do Senhor do Céu.

Digne-se Ela, Rainha e Padroeira da República dos celestes, lançar sobre eles um olhar de amor e compaixão, afim de que todos, em breve se voltem deveras para Deus.

P. ANTÓNIO MARIA ALVES, S. J.

UM TRISTE ACONTECIMENTO

No último domingo, a população de Braga, foi surpreendida, com a noticia de mais um grave desastre que emocionou a todos quantos dele tiveram conhecimento.

O caso deu-se na Falperra, como é já sabido.

O benemérito e saudoso dr. Elias Gomes, desvelado director da Oficina de S. José, teve a iniciativa de proporcionar aos seus educandos um magusto na Falperra.

Fez mais. Convidou para o mesmo magusto as senhoras que generosa e espontaneamente, todas as semanas, vão àquella Oficina concertar a roupa das crianças.

E, todos seguiram, na tarde de domingo, para o alto da Falperra, onde foram magnificamente recebidos pelos religiosos beneditinos, que ali estão instalados.

Depois de todos orar, no templo, onde foi recitado o terço e houve bênção do SS. Sacramento, teve logar o magusto. Tudo correu admiravelmente: uma formidável alegria, entre todos, director, senhoras e crianças.

Era já ao fim da tarde. Foi resolvido o regresso a Braga.

Um espesso nevoeiro, cobria toda a montanha. Por este facto, se notou que a camionete ia seguindo caminho errado; ia para o Sameiro.

O motorista António Ferreira, verificando o equívoco, e no meio duma neblina intensa fez a manobra para retroceder.

Foi nesse momento que se deu o lamentável desastre. A camionete caiu pela ribanceira.

Os gritos lancinantes das pessoas que iam dentro, de senhoras e crianças, tudo numa confusão indescritível, produzia o desanimo em todos. Ninguém se entendia. Até que, felizmente, o ajudante do chauffeur, que, ia fóra e quando viu o perigo, deu um salto feliz que o livrou do desastre, foi imediatamente chamar os benemeritos Padres beneditinos, que, com o seu pessoal, logo acudiram ao local do desastre, que era próximo da sua residencia.



ANTONIO FERREIRA

O infeliz motorista da camionete que teve o desastre na Falperra

Com custo levantaram a camionete, estando debaixo dela entre outros, o conhecido architecto o Sr. Bernardo José de Lima, e a Snr.^a D. Laura de Madureira e Costa. Foi neste doloroso momento que se



NA FALPERRA — Em Setembro, um jantar dos educandos da Oficina de S. José. No medalhão o Sr. Cónego dr. Elias Gomes, agora morto no lamentável desastre de domingo.

deu pelo facto, de já estarem mortos ou quasi mortos o rev. cónego dr. Elias Gomes, e o chauffer António Ferreira.

As restantes pessoas que vinham na camionete, como senhoras e crianças, apenas sofreram algumas contusões e o susto, como é natural.

O rev.^{os} Padres beneditinos, logo ministraram o Sacramento da Extrema-Unção aos dois moribundos.

Estes, foram conduzidos pelos bombeiros para esta cidade, mas, quando aqui chegaram, eram já cadáveres.

Uma scena que a todos comoveu: a Snr.^a D. Maria José Gomes Marques, irmã do Snr. Dr. Elias Gomes, que o acompanhava, foi das pessoas que maiores esforços praticou, para tirar seu irmão de baixo da camionete. Infelizmente, quando pôde ser retirado, já não havia possível meio de o chamar à vida.

O triste acontecimento entristeceu profundamente toda a população da cidade.

O cadáver do Snr. Dr. Elias Gomes, foi conduzido do Hospital para a casa do extinto às 9 horas da noite de domingo.

Ali foram depositar cartões e assignar os seus nomes como prova de profunda dôr, pessoas de todas as categorias.

O Snr. Dr. Elias Gomes era um sacerdote estimadíssimo, e um verdadeiro benemérito, director da

Officina de S. José, onde prestou serviços relevantíssimos.

O seu funeral, que teve lugar na Sé, foi concorridíssimo. Foi feito pela Casa José António da Silva & Filho, Sucessores.

O seu cadáver foi conduzido para a Guimarães, para ser depositado em jazigo de família.

A « Illustração Catholica », lamentando profundamente este triste acontecimento, apresenta os seus sentimentos de profunda dôr, à ilustre família.

LIVROS RECEBIDOS

Notas Biográficas do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor D. Mauuel Vieira de Matos, Arcebispo Primaz

Recebemos, ultimamente, esta apreciavel obra de que é autor o erudito escritor, já muito conhecido no mundo das letras, Monsenhor Cónego José Augusto Ferreira.

E' uma obra de 335 páginas, magnificamente ilustrada, onde se faz a história dos fastos da vida episcopal do ilustre Prelado Bracarense. E' uma documentação de muito valor, que, ao mesmo tempo, é um trabalho já feito para a história dos Arcebispos de Braga.

Monsenhor José Augusto Ferreira é um investigador que é justamente digno da consideração dos seus concidadãos, pois que já por este, e já por outros trabalhos de grande apreço é, incontestavelmente, no seu género de historiador e investigador, considerado como um dos primeiros escritores portugueses.

A vida e história da obra do nobre Arcebispo Primaz, é escrita em largo espaço, contendo o livro de que nos ocupamos, documentos muito apreciaveis, e a noticia muito completa da actividade, acção poderosa e forte do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor D. Manuel Vieira de Matos.

Ao mesmo tempo que agradecemos ao distincto auctor um exemplar da sua obra, felicitámo-lo, cordalmente, por mais este trabalho, que tanto o honra e distingue.

Fanatismo patriótico — Um dos motivos que alegou para justificar-se de sua barbara acção o assassino de Amaral, Governador de Macau, foi o haver este mandado por algarismos europeus por cima das portas dos habitantes da cidade.



Mgr. Cónego José Augusto Ferreira, ilustre autor do livro — Nótas biográficas do Ex.^{mo} Snr. Arcebispo de Braga

OS MORADORES DO PREDIO N.º 13

(De um conto espanhol adap. de Isa Alves).

I

UM anarquista no rés do chão! A noticia tinha saltado como uma flecha, sacudindo de pavor a pacatez burgueza dos visinhos. Era necessario collocarem-se a uma razoavel distancia d'aquello doido que se propunha virar o mundo, destruir a velha civilização, pedindo sange e exterminio como qualquer cobarde de zarzuela; e apressaram-se a fazer chegar até ao senhorio, num veemente protesto, o seu desejo de abandonar a casa. Enquanto elle escondia cuidadosamente as ideias dissolventes, encontrava quasi sempre, ao atravessar o patio, um cumprimento amavel ou um olhar de simpatia para a sua bela figura de lutador antigo. Mas os jornais começaram a encher colunas com a prosa elegante e inflamada dos discursos do camarada Duro, principiaram a classificá-lo o mais activo propagandista do anarquismo.

Trovejava o operario contra a burguezia, ameaçando-a com o descabeçamento geral no dia em que vencessem os seus principios, quando a forma de governo sonhada abandonasse triunfante os dominios da fantasia. E nos cerebros dos mais timoratos entrou a convicção de que aquelle homem implacavel não deixaria sem cumprimento a sinistra promessa. O senhorio conseguiu porém socegá-los com o argumento de que um bom inquilino tem infalivelmente que ser um bom cidadão, e Duro, nem mesmo por engano, lhe devolveu ainda um recibo.

Madalena, a mulher do operario, nascida na rua mais suja dum bairro plebeu, dum natural elegancia e rara delicadeza, era a ingenua domadora do orgulho invencivel dele. Duro envergonhava-se muitas vezes, da sua condição de pobre operario e desesperava-se por não poder envolvê-la no luxo que, em seu entender, a beleza e intelligencia da companheira mereciam.

Ocupavam o andar principal do predio n.º 13 uma senhora e duas filhas, sempre repletas de atavios escandalosos. O chefe desta familia partira para Cuba onde exercia um alto cargo que, por mais rendoso que fosse, difficilmente sustentaria o exagerado espavento que fazia vomitar ao pobre Duro as mais violentas injurias, que lhe avigorava o rancor pelos felizes da terra. Que diferença entre a sua Madalena, bôa e simples, e aquellas burguesas cheias de vaidade, distribuindo desdem em cada olhar!

8

Os moradores do quarto andar eram um casal e três filhas — três crianças bastante feias, enfezadas e quasi grotescas com os seus fatos garridos. O pai — um distincto engenheiro de minas — tinha a sua residencia official na provincia, mas ia frequentemente a Madrid passar dias com a familia. Na opinião do operario este visinho trabalhava pouco ou nada; não cumpria portanto os seus deveres para com a sociedade, visto que percia importantes lucros.

No terceiro andar vivia um homem gordo, arredondado, sem profissão conhecida, encolhendo os ombros às contrariedades, e largando apenas durante alguns meses de verão — para ir com a sua metade refestelar-se na areia macia de qualquer praia — a sumáma das almofadas.

Duro via-se privado de todos os prazeres e comodidades que os visinhos disfrutavam. No cubiculo que ocupava havia apenas uma janela para o patio. O seu quarto e o outro onde dormiam os filhas recebiam escassas migalhas de luz por uns buracos abertos proximo do tecto. O salario era insignificante, apesar d'ele ser um operario habil. Só a administração intelligente da mulher deviam o não conhecer a fome; chegava a não compreender como com tão pouco dinheiro ella preparava pratos abundantes e saborosos.

E a ideia de que os trabalhos mais grosseiros deformavam aquellas mãos delicadas que não tocavam sem acariciar, era uma nova tortura a converter-se em odio...

A pobreza que arrancava clamores de raiva ao operario, parecia não incomodar muito a mulher. Trabalhava todo o dia, sem que a fadiga lhe apagasse nos labios o sorriso gracioso que o Artista Divino parecia ter eternizado ali. Surpreendia-a, por vezes, o aspecto sombrio do marido e então esforçava-se inutilmente por vencer a obsessão que parecia atormentá-lo. Alarmou-a a certeza de que a inveja e o odio se tinham apoderado do coração d'ele.

Duro já não ia da officina directamente para casa e quando aparecia quasi nunca vinha só; acompanhavam-no camaradas que Madalena conhecia e outros desconhecidos. Embora assustada, procurava aparentar despreocupação e nunca se atreveu a fazer-lhe perguntas.

Certo dia na mercearia, enquanto ageitava os pratos na balança, o sr. Dimas desfechou-lhe;

— Então o discursosinho d'ontem deu que falar... O homem está-se tornando celebre.

— Que discurso ?

— Pois você não sabe?!... O que pronunciou seu marido na reunião dos anarquistas.

— Dos quê ?

O mercieiro escancarou a boca numa gargalhada.

— Pois todos os jornais o transcrevem. E olhe que empregou palavras bem *maviosas* o tal amigo... Chamou-nos a «súcia dos burgueses», os «parasitas» e não sei que mais.

Disse que o dia do triunfo está a chegar e que então seremos todos perseguidos como cães raivosos. Nunca supuz que o sr. Duro fosse tão... duro. Faça-me o favor de dizer-lhe que, nesse dia não se lembre de passar por aqui porque tenho cinco filhos e não faço mal a ninguém.

Madalena não respondeu. Pagou o que tinha comprado e saiu.

Na rua, atordoada pelos pensamentos que se lhe cruzavam no cerebro esbarrou com a prima Agueda, que havia muito não via.

— Dou-te os parabens — disse-lhe ela. Teu marido está se tornando alguém... O meu também

Quando á noite o operario entrou em casa, viu-lhe nos olhos vestígios de lagrimas.

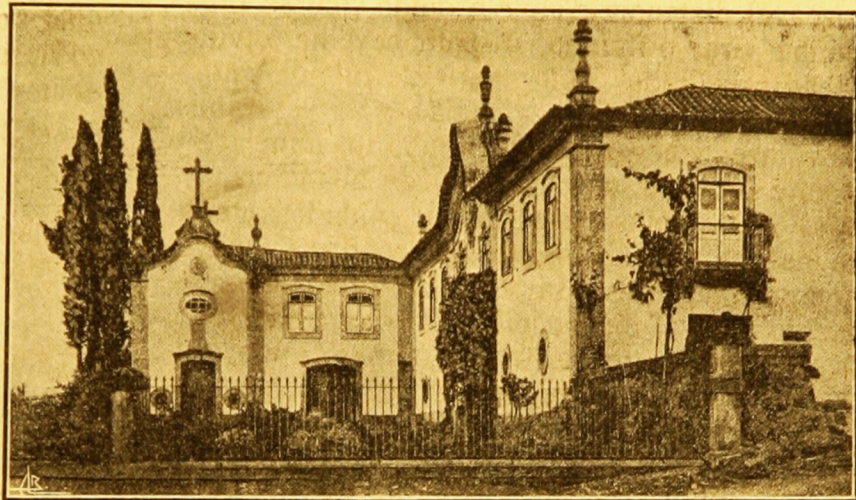
— Madalena, tu choraste. O que te succedeu ?

— Não me succedeu nada.

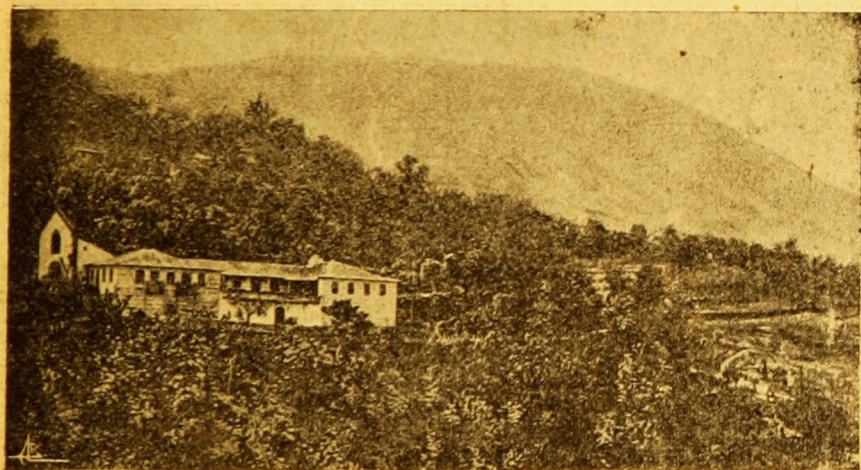
— Então porque choraste ?

— Porque julgava merecer-te mais confiança. O que sabe de ti toda a cidade, desconhecia-o eu.

D'hoje em diante terei que pedir na mercearia um jornal para ler os discursos que faz por aí o meu marido.



VIEIRA DO MINHO — Brancelhe — Casa da Lage



VIEIRA DO MINHO — Rio Caldo

é desses, dos anarquistas, mas não sabe falar como o Duro, e ninguém repara n'ele. Creio que quando chegar esse dia que esperam, teu marido com a influencia que tem não deixará de arranjar-lhe um bom emprego. Fazem bem em proceder assim... a ver se acabam de ser bestas de carga e uma pessoa pode ao menos ter para andar vestida...

E' pena que meu marido seja tão bronco...

Madalena respondeu com fingida indiferença que ignorava o que Duro fazia fora de casa, que não tinha interesse em saber o que ele não lhe dizia, e despediu-se com o pretexto de que os filhos estavam sós.

— Perdoa-me. Se não te disse nada foi porque... tu não entendes estas coisas...

Tudo o que faço é por ti e pelos nossos filhos, para os tirar da miseria, para que tenhas o que mereces, o que tem outras que valem muito menos do que tu. Queremos acabar com as injustiças, que o trabalhador o que mais concorre para a vida desta sociedade apodrecida não seja explorado e es carnecido por ela; que acabem enfim as desigualdade irritantes...

A revolução ha de fazer-se porque assim é preciso, e desgraçado do que tentar entravar a sua marcha.

Mas não quero que te preocupes; tu não percebes isto... Olha aí tens o meu salario. Hoje encontrarás uma peseta a mais. O burguês aumentou-me o jornal... Provavelmente tem medo...

— Mais uma peseta!? E ainda te queixas da nossa sorte. Até aqui temos vivido sem que nos falte o mais necessario... pois agora, até poderemos fazer economias.

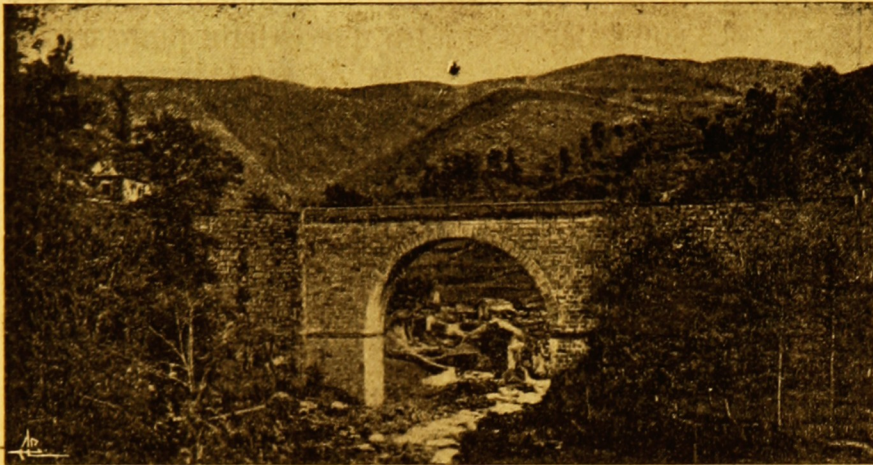
¿ Vês como Deus nos protege ?

Temos saude, os nossos filhos são robustos, não temos dividas nem inimigos... a não ser que tu os tenhas adquirido... Mas

dizes bem : eu não entendo essas coisas. Não me contes nada.

II

Passado poucos dias, os sizudos representantes da justiça penetravam no primeiro andar do prédio n.º 13 e apoderavam-se de cartas, documentos e valores, levando tudo sem atenderem os protestos indignados da galante família do funcionario de Cuba. Ao mesmo tempo que sofria este atropelo, a dona da casa era informada de que o marido tinha sido preso quando fugia para New-York depois de



VIEIRA DO MINHO — Ponte de Ruivães

um desfalque importante. Os jornais propagaram depressa o escandalo. E a mulher e as filhas do funcionario infiel, que, com o seu luxo, tinham talvez contribuido para aquele acto, abandonaram a casa.

Madalena viu-as sair.

— E meu marido que as odiava porque vestiam ricamente, tinham automovel e toda a apparencia de pessoas muito felizes ! Pobres mulheres !

Uma semana depois, de casa do engenheiro de minas saíam gritos atroadores. Com o intervalo de poucas horas, tinham morrido duas daquelas crianças feias, enfesadas e quasi grotescas . . .

A mãe parecia ter enlouquecido ; blasfemava e corria ás janelas para se atirar á rua.

A mulher do operario que despertou assustada, envolveu os filhos num olhar angustioso, como se temesse que lhos levassem, e murmurou uma oração. Depois disse ao marido em voz quasi imperceptivel :

— E achas tu que somos muito infelizes. Ah ! que Deus não te castigue.

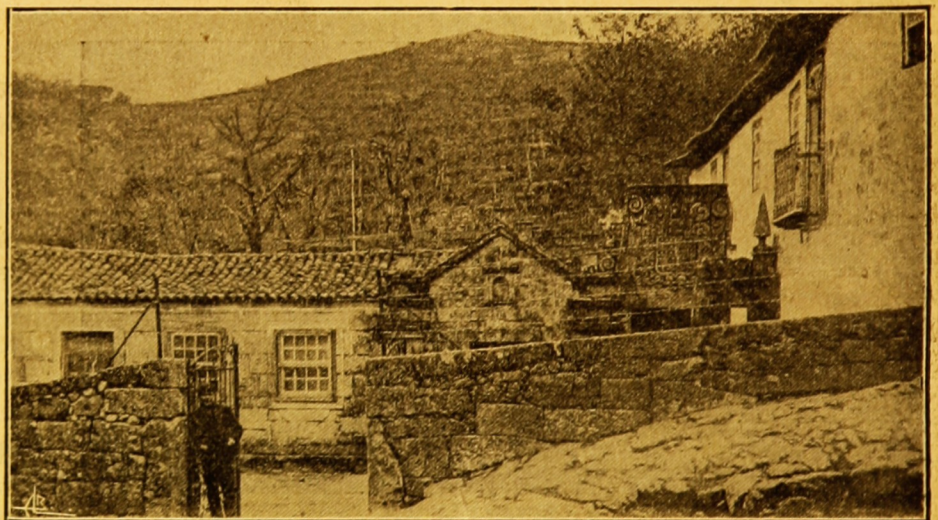
A' mesma hora em que perdia dois dos seus filhos, estava o engenheiro retido pelo

dever profissional á entrada duma mina inundada onde se encontravam em perigo eminentemente cincoenta ou sessenta operarios.

Era preciso tentar o salvamento, apesar disso ser arriscado, e foi o engenheiro o primeiro que se dispoz a enfrentar a morte, decidindo assim os que olhavam apavorados a boca infernal do abismo. Após umas horas de impaciencia e angustia, quando temiam que todos tivessem desaparecido, surgiram grande parte dos trabalhadores e o engenheiro. Este, depois de tomar as suas disposições para evitar a repetição do desastre, retirou-se bastante doente. Mal entrou em casa, o olhar amortecido caiu-lhe sobre um telegrama com três palavras apenas, que o amarfanharam de desespero.

Passou alguns dias entre a vida e a morte e por fim a razão afundou-se-lhe para sempre na escuridão desoladora da loucura.

Madalena que tinha escutado as queixas do marido contra as injustiças do Destino, que permitia ao visinho do 2.º andar satisfazer, sem trabalho, a sede desenfreada de ouro e a ele lhe dava um mesquinho salario em troca dum traba-



VIEIRA DO MINHO — Ruivães — Casa de Dentro, dos antigos morgados de Ruivães solar paterno do Snr. dr. Alvaro de Magalhães

lho esgotante, não pode deixar de lhe fazer notar como era sem razão o seu descontentamento . . .

Duro olhou a figurinha gentil que se movia a custo na estreiteza da cosinha e gaguejou :

— Tens razão. Só um miseravel como eu podia abominar o desgraçado engenheiro. Se ele um dia recobrar o juizo, hei de humilhar-me, hei de pedir-lhe perdão.

— Pois farás isso ? ! . . . Eu sempre tive a certeza de que o odio que apregoavas não cabia no teu coração generoso e bom !

Dos ditosos vizinhos de Duro e Madalena restava o casal do terceiro andar. A mulher e as filhas do empregado publico processado e preso tinham partido, não se sabia para onde.

Com o filho que lhe restava, foi a esposa do engenheiro viver para as proximidades do manicómio onde internaram o marido.

Numa noite, em meio do silencio daquela casa desabitada em grande parte, duas detonações seguidas de gritos aflitivos chegaram até aos ouvidos de Madalena e Duro. O operario dirigiu-se ao patio e subiu a escada a correr.

A vizinha do terceiro andar, livida e suja de sangue, tinha descido alguns degraus e caído por fim quasi moribunda.

— Meu marido assassinou-me — articulou com dificuldade.

O homem arredondado, de placidez inalteravel, sempre estirado sobre almofadas com um gato indolente, tinha perdido toda a sua fortuna em especulações desastrosas. Depois foi uma violenta scena de ciúmes com a mulher e a seguir o ultimo acto duma tragedia vulgar. O homem gordo feriu a companheira e matou-se em seguida.....

No outro dia, quando, depois de ter feito declarações á policia, Duro se dispunha a ir para a officina, Madalena levou-o até ás camas onde os pequenitos dormiam.

— Ajoelha-te aqui comigo e demos graças á Providencia pela protecção que nos tem dispensado. Já viste como são desgraçados todos esses de quem invejavas a felicidade...

Procura recuperar a tranquilidade de espirito e a alegria que te fugiram desde que... te tornaste celebre, como diz o mercieiro a quem as tuas teorias revolucionarias enchem de pavor.

O operario obedeceu á branda imposição dobrando lentamente as pernas. Sem saber bem porquê, sentia a comoção a entalar-se-lhe na garganta. Poz um beijo leve na testadum dos filhos e uma lagrima se lhe perdeu por entre os seus cabelos doirados.

Entretanto as crianças abriam os olhos e no sorriso que lhes entreabriu os labios delgados parecia misturar-se a alegria exuberante duma manhã primaveril e a beleza estranha dum poente afogueado. Duro pronunciou em voz sumida:

— Que Deus me perdoe a grande injustiça.

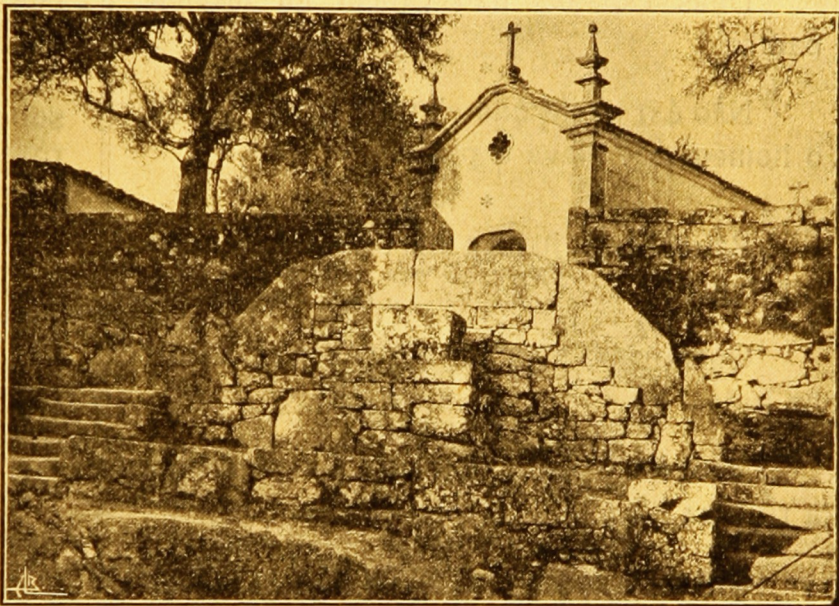
Eram estes afinal os moradores mais felizes do predio n.º 13.

Convento do Bussaco

No dia 7 de Agosto do ano de 1628, foi lançada a primeira pedra do célebre convento do Bussaco, fundado por Fr. Tomaz de S. Cirilo, e pertencente aos religiosos carmelitas descalços.

Pela mata, que cerca o mosteiro, existem algumas capelas, em cuja edificação empregou as suas rendas o Bispo de Coimbra D. João de Melo, sepultado no côro da igreja. Foi edificado este convento oito séculos depois doutro que existiu junto à raiz do monte, na vila da Vacarissa.

Tornou célebres estes sitios a memorável batalha que ali se deu nos dias 26, 27 e 28 de Setembro de 1810, entre o exercito



VIEIRA DO MINHO — S. Paio de Eira Vedra. — Capela e escadario de Nossa Senhora dos Remedios

francês e o luso-anglo, obrigando este último o inimigo a retirar-se para os seus acampamentos, com perda de mais de 4.000 homens, e 3.000 prisioneiros, entre os quais entrou o famoso General Simão, de quem fala *Eugene Sue* no seu: *Judeu Errante*. O que decidiu a nosso favor a victoria foi o vigoroso ataque à baioneta, pelo regimento de infantaria n.º 8, quasi todo de recrutas.

Uma bela descrição do convento e sua fundação, acha-se na: *Crónica dos Carmelitas descalços*. Os Snrs. Adrião Forjaz e José Freire de Serpa Pimentel publicaram uma linda viagem àquele sitio.

Foi célebre no seu tempo o livro: *Solledades del Busaco* por uma religiosa portuguêsa.



ANECDOTAS HISTORICAS

Proverbios Russos

Entre os proverbios russos de uso corrente, desejamos citar os seguintes, que se nos afiguram interessantes :

*

Tende medo do lobo doméstico, do judeu baptisado e do inimigo reconciliado.

*

As mãos brancas só gostam do trabalho dos outros.

*

Duas espadas não cabem na mesma bainha.

*

Não é o posto que eleva o homem, mas o homem que eleva o posto.

*

Batido com justiça ou sem ela, é sempre batido.

*

Quem sabe dominar a sua cólera, domina tudo.

*

Não é a miseria que faz o avarento; é a riqueza.

*

Um máo operario tem sempre utensilios bem polidos.

*

A palavra e a flecha traspassam o coração.

*

Os filhos pequenos pisam nos nossos pés; os filhos grandes pisam nos nossos corações.

*

A consciencia não tem dentes, mas devora-nos.

*

Quando o dinheiro fala, a verdade calla-se.

*

A grande navio, profundas aguas.

*

Marido e mulher, agua e farinha.

*

Não te vanglories quando partires para a guerra, mas quando dela voltares.

8

Em viagem, Filipe II foi uma vez surpreendido pela noite e viu-se obrigado a recorrer á hospitalidade de um camponez, a quem pediu muitas cousas que o pobre homem não possuia. E, sem cuidar do prejuizo que causava, o rei fez grandes estragos na misera habitação. O camponio, longe se se sentir lisonjeado pela presença do monarca, não poude dormir á noite inteira, pois se via arruinado. No dia immediato, Filipe II, antes de se retirar, perguntou-lhe se tinha alguma graça a pedir-lhe.

— Senhor, tenho de facto um favor a solicitar-vos... Rogo-vos que não vos alojéis mais na minha casa. E' tudo quando desejo.

Essa ingenuidade não desagradou ao soberano hespanhol, que recompensou generosamente a quem lhe déra abrigo.

*

Carlos XII, vencido em Pultawa, havia-se retirado para Bender. Depois de ter ahí permanecido numa inacção absoluta durante seis anos, decidiu partir para Stralsund, cidade da Pomerania, sitiada pelos reis da Prussia e da Dinamara; e que foi tomada, embora defendida por Carlos XII. Um dia em que dictava cartas para a Suecia a um dos seus secretarios, uma bomba cahiu no tecto, vindo rebentar no seu proprio quarto. Ao ouvir o estrondo e com o fracasso da casa que parecia desabar, o secretario deixou escapar a pena.

— Que aconteceu? perguntou o rei, calmamente. Porque não escreve?

— Senhor, a bomba...

— Mas, que relação tem a bomba com a carta que lhe estou dictando? Continue...

*

Presente e passado. — Foi Antigone um dos grandes Generaes d'Alexandre Magno: subjugou a Lycaonia, e foi, por morte daquele, Rei da Frygia, da Lycia, e da Pamfylia. Entre varias de suas maximas sobresahe a seguinte: «*Gosto dos que atração, mas aborreço os que atraçoaram.*»

*

Um official da casa dos cinco. — A certo barão gabava outro fidalgo umas boas casas que mandara fazer um official da casa dos cinco. «Pois vêde, lhe respondeu o barão, o que ele houvera feito se fosse da casa dos dez».

9